

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



E' actualmente a estação de apresentarem as officinas em que se elaborão os decretos que revolucionão o *toilette* das damas, os seus novos modelos.

O luxo dos enfeites, a sumptuosidade dos estofos, a profusão dos elementos que compoem os chapéos, tem chegado a um tal gráu, que deve-se já sentir que o retorno á simplicidade deve ser a sua consequencia.

Usar-se-ha bastante duas qualidades de vestimentas *sefection*, o sobretudo, vasquinha, e o mantelete charpa. Estas duas fórmas compoem o fundo de todas as phantasias: variar-se-ha de ornamentos, ou se diversificarão os detalhes; mas trajar-se-ha *ex æquo* a vasquinha justa formando meia saia, e a charpa decotada.

Os chapéos, são e serão indscriptiveis: cada modista celebre compõe com nome de chapéo, ornatos de cabeça de uma infinita casquilharia, que formão em torno do semblante uma nuvem como o arco-iris; de garça, fló, renda, flores e plumas.

A parte debaixo moldura o semblante, enche todo o espaço entre a cabeça e a volta, e tresporda em verdadeiro vapor o contorno do chapéo.

As flores collocão-se em cordão sobre a aba, e cahem em ramos flexiveis.

As copas são chatas e bem cabindo.

Os toucados partem bem quadradamente, são

mui pequenos junto das orelhas, mas desenvolvem-se contornando-se para traz, mas não cahem sobre o pesçoço.

Empregão-se para os chapéos, tafetás *espu-mosos* ou de sedas de mil riscas.

Preparão-se muitos chapéos de palha lisa, belga ou estoja, e adoptarão-se duas fórmas, fóra das quaes não ha salvação; uma pequena, avançando para diante e quebrada nas faces; a outra redonda e um pouco alargando todo em torno.

Fazem chapéos em tecido de palha com mistura de bordados de crina, numerosas misturas de palha branca e preta, e sobre muitos delles pequenas rendas de crina.

Os vestidos não demarcão ainda um córte particular: falla-se na volta aos corpinhos sem vasquinha, mas ainda se fazem muitos destes: os cintos de fita com laços e pontas cabidas atraz, diante ou ao lado, estão em maioria; quanto a mangas fazem-se de todos os feittos, sem se adoptar um exclusivamente; muitas são compostas de campainhas superpostas ou de fôfos, mas todas um pouco curtas: as saias são amplas e compridas atraz.

A crinolina constitue especie de donaires; não ha qualidade de vestido a quem não acompanhe a passamanaria, quer em franjados, quer em guipures com franjas: ha fitas dispostas de

maneira a formarem guarnições espezias, dominando o escossez e as listras largas.

Tudo isto se usa ; mas ninguem pôde dizer com certeza qual é a moda adoptada.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIOS DE PASSEIO. — Vestido de *môire* antigo de saia lisa, vasquinha de veludo justa ao corpo porém formando paletó; a vasquinha é enfeitada de renda preta de *Chantilly*, uma ordem muito larga; em roda da vasquinha outra mais estreita em suspensorios e tres ordens nas mangas-pagode, que são um pouco curtas, e seu muita largura emcima.

Chapéu de veludo enfeitado de plumas renda e flores.

Vestido de seda de listras, afogado, saia lisa.

Chales de cachemira da India.

Chapéu de escomilha, enfeitado de flores.

CHRONICA DOS SALÕES.

Temos hoje para registar, um facto de alta importancia para o mundo elegante do Rio de Janeiro. Cumpre-nos considerar a nova phase do nosso theatro lyrico com a acquisição dos artistas de subido merecimento, dos quaes já tivemos occasião de fallar ás nossas leitoras.

Antes, porém, de entrar em materia, devemos observar que a respeito de bailes, não occorreu ainda a menor novidade além dos que vos noticiamos no nosso ultimo artigo. Sobre modas tambem tem estado um tanto adormecidas as imaginações das modistas, limitando-se todo o movimento deste commercio a ligeiras alterações de gosto, que nunca tem regra invariavel.

Cumpre entretanto dizer-vos, que a sociedade *Campestre* deu no sabbado o seu baile, que na fórma do costume, foi assás concorrido e apresentou boa copia de amaveis, elegantes, e bem trajadas senhoras: e observar que o *Club Fluminense* parece que torna a elevar suas partidas ao seu brilhantismo primitivo. Algumas familias respeitaveis tem comparecido nessas reuniões, que brevemente se tornarão cheias de animação e de elegancia. Praza ao céo que este divertimento tão agradável obtenha a protecção de que é digno, e que o digno empresario possa dar os bailes a que está obrigado pelos estatutos, que nesta parte, tem cahido em omissão.

Passemos agora ao theatro lyrico.

Sabeis, minhas leitoras, que na segunda-feira teve lugar o debut da Sra. La Grua, na opera — *Othello* —, depois de muito se haver elevado a fama do talento desta cantora, e de se asseverar mesmo, que no ensaio geral havia arraucado lagrimas ao auditorio, que estava presente por favor da directoria.

No dia aprazado, desde as 9 horas da manhã, só se ouvia fallar em *Othello*, em La Grua, na excessiva carestia dos preços dos camarotes e cadeiras, e na immensa e extraordinaria concurrencia de amadores de todas as condições.

Com effeito, á hora do costume, ao começar a execução da *ouverture*, estavam occupados todos os logares, e não havia camarote que contivesse menos de oito pessoas.

O Sr. Mazzoleni, não obstante estar incommodado, e ter dous dias antes soffrido uma ligeira cauterisação na garganta, apresentou-se em scena bem caracterizado; e sua voz, apesar de não estar natural em consequencia do seu incommodo, agradou muito. Aguardamos ouvir-o em outra occasião para podermos formar juízo seguro sobre o seu talento artistico, que, como é natural, não poderia bem mostrar pelo receio proprio do primeiro comparecimento ante um publico que não conhece.

A Sra. La Grua, moça bella e elegante, tendo desenhados nos olhos a imaginação e o talento, entrou em scena possuida de temor, que só pôde achar desculpa em sua modestia. Suas primeiras posições foram duvidosas, e suas primeiras notas mostrarão tremula sua bella voz. Os applausos lhe derão animação, mas não puderão dar-lhe a calma e segurança que lhe devia dar a convicção de agradar aos espectadores. Mas o artista sempre deixa perceber-se, e pouco tardou que a cantora mostrasse a expressão dos sentimentos que representava, e que o publico sentiu com ella. No segundo acto foi ella admiravel, e no terceiro arraucou bem merecidos e freneticos applausos. O enthusiasmo com que foi tantas vezes chamada á scena e victoriada, o grande numero de flores e coraões que recebeu, terão assegurado á Sra. La Grua uma brilhante posição no nosso theatro.

Opiniões se tem manifestado para determinar a superioridade entre esta artista e a Sra. Charton. Em nosso pensar é bem difficil a determinar, e por ora é mesmo impossivel. A Charton, não tendo uma voz tão forte como a Sra. La Grua, tem-a mais suave, e sua vocalisação é mais brilhante e pura. No caracter tragico, não

achamos a Sra. La Grua melhor, no papel de Hesdemonda, do que a Sra. Charton no de Maria de Rohan, no da dama do Trovador, ou no da Linda de Chamounix. A Sra. Charton não é menos admiravel no caracter jocosso do Barbeiro de Sevilha, ou da Filha do Regimento, e não sabemos ainda se a nova artista estende tambem a sua sublimidade a caracteres tão oppostos. Ainda nos resta apreciar se esta tem tão extenso repertorio como aquella, que já se tem feito ouvir em grande numero de operas, estando prompta para cantar ainda muitas outras.

Não podemos, portanto, decidir-nos em determinar a superioridade entre uma e outra; e crêmos mesmo que será bem difficil a determinação.

Ambas são artistas de admiravel e não vulgar talento; ambas são bellas e estimaveis cantoras,

dotadas de excellente voz, delicadeza e graça: e a sua mutua conservação na nossa scena lyrica bastará para fazel-a considerar entre as primeiras.

Na quarta-feira, apesar do mau tempo, repetiu-se a representação do *Othello*, depois da qual novas ovações merecidamente se renderão à insigne artista; e o Sr. Mazzoleni não agradou menos ao publico: sua mimica pareceu um pouco mais apurada e expressiva, e a Sra. La Grua representou com mais certeza de agradar: sua voz, mais pura e tranquilla, mostrou-se mais agil.

Eis aqui, minhas amigas, quanto de importante, tive para noticiar-vos.

Peço a Deus que no proximo domingo possa eu offerecer-vos um artigo mais variado.

Alina.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 51.)

PARTE QUARTA.

I.

A fé do bom cavalleiro.

Gallardo moro...
Si adoras como refieres,
Y si como dicen amas,
Dichosamente padeces.

ROMANCERO.

Ai! quanto soffria Roman depois do cruel golpe que o seu coração havia recebido? Elle, que tudo sacrificára a Jarilla: nome, fortuna, honra, até a propria religião! Porém, eu sou justa no apreciar o desgosto do cavalleiro. Roman soffria, porque não podia encontrar Jarilla tão presto como desejava; nem por um instante, porém, a duvida do seu amor ou da sua virtude, embaciou o claro espelho das suas illusões. Roman julgou logo que Jarilla, victima de um engano, havia procurado outro, julgando que era elle. No nobre, no generoso coração de Roman não cabião levianos zelos. Talvez receitava enconral-a morta. Nunca suspeitou enconral-a deshonrada. Conhecia Roman os instinctos de Jarilla, naquelle seu olhar ardente, porém altivo, energico, silvestre, que demonstrava a vehemencia do seu amor, e o valor da sua castidade, e estava convencido de que ella primeiro perderia a vida, que succumbisse á sedução.

Oh! fé da virtude, fé santa que nos elevas a um amor sobre-humano. Contigo podem-se supportar as desgraças; a contigo pôde-se desprezar a calumnia.

Tu és a intelligencia, tu és a sabedoria! Ninguém sabe, senão por tuas inspirações, aonde reside a pureza, e qual é a frente que se ergue sem mancha.

Oh, bendito sejas, Roman, entre todos os cavalleiros! Bemdita seja a luz de teus formosos olhos, que penetrou através da malicia, e pôde descobrir o escondido thesouro da virtude.

Detiveram-se Roman ao pé de umas garças para descansar; um ramo de flores veio açoitá-lhe a frente; beijou-o ternamente, em nome de Jarilla. Tudo o que Jarilla amava erão para Roman objectos sagrados. Naquelle mysterioso amor havia o quer que é do carinho do pai, do entusiasmo do amante, do fanatismo do idólatra. Aos pés do donzel serpeava o regato donde bebia Jarilla. Roman tomou algumas gottas de agua na palma da mão, e bebeu como para se fortalecer contra as fadigas porque ia passar nas largas correrias que meditava.

— Hei de encontrar-te, dizia Roman. O meu amor me conduzirá aonde te encontras. O meu coração adivinhará o sitio aonde te escondes.

Mas de repente feria a sua imaginação a idéa de que podia ella ter morrido. Então o abatimento seguia-se á exaltação. Turvava-se-lhe o semblante, os olhos cerravão-se-lhe, e os braços descahião-lhe, languidos sobre a armadura.

— Não, bradou reanimando-se; não pôde ser que morrêsse; se tu tivesses morrido não viria eu!

E com os olhos a scintillarem-lhe por maravilhosa crença, ergueu-se e proseguiu seu caminho.

Era nos ultimos dias de maio. As acacias estão já despidas de folhas, e os rosas ostentão suas grinaldas enredadas com a odorosa flor d.

madre-silva. Ao sumir-se o sol além das sebras, levanta-se do ribeiro um vapor semelhante ao que produz o rocío da manhã. O ribeiro, coahado na superfície de florinhas brancas, corre vagarosamente, e parece um arroyo de flores. Não vos approximeis demasiado; a embriaguez dos seus perfumes vos tornará loucos. Só as aves podem impuemente habitar nesses palácios, entre os seixinhos e entre os freixos, pairando sobre as espumas de flores que estreinecem ao deslizar da corrente. As garças, amigas de Jarilla, também gozão do privilegio de abrigar-se áquelles verdes pavilhõesinhos, na atmosphera pura, tépida, aromatica, voluptuosa da solidão. Para nós outros, filhos das cidades; para nós outros, os pobres, as paredes de adobes, o fumo, a immundície; para nós outros, os ricos, as paredes mestras, as estufas, a agua de colonia, mas nunca a *liberdade*, nunca o ar puro.

Os que andavão esparzidos pelos bosques, recolherão-nos em carceres; vestirão-lhe uns farrapos, e a estes miseraveis reunidos chamamos *povo*... Eu tenho visto muitos seres lançados no meio da civilisação, que não têm o ampáro da arvore, porque andão de *casa em casa* pelos caminhos que chamamos *ruas*; que não têm o soccorro da raiz silvestre, porque a cal destruiu as hervas.

Esfomeados, esqualidos, enfermos, até a agua pedem de esmola; e comparei-os aos indios, e conheci que os indios vivem melhor. Sim, também ha indios na civilisação, mas indios com o refinamento da miseria. Os indios da civilisação não possuem nem uma arvore, nem uma flecha; abraça-os o sol nas praças publicas; devora-os a fome; e os indios selvagens dormem debaixo das palmas, e com a caça se alimentão. Os indios civilisados perderão o privilegio dos homens primitivos, e não adquirirão ainda o da perfeita sociedade...

Oh! a viver como vivem os indios da civilisação, eu preferia o bosque de Jarilla. Aqui o fructo das figueiras, sécca sem ser tocado, salvo dos passarinhos; os legumes apodrecem debaixo da terra por não haver quem os extraia, e as aves travão entre si buliçosa lucta, que ha muitas pelo bosque, e não as dizima o tiro do caçador. Oh! afortunado bosque de Jarilla!

Roman parou segunda vez. Busca o sitio aonde está sepultado Regio; tira o capacete, e vai a fazer o signal da cruz. Mas quedou-se immovel, quando se lembrou que já não era christão.

Além do sepulchro de Regio está a gruta de Jarilla, e a *fonte dos loureiros*. Adivinha-se-lhe a proximidade pelo concerto que se ouve de rouxinos e andorinhas. Os passaros têm seus *sítios reaes*, sítios de privilegio para passar a primavera; as andorinhas e os rouxinos escolherão as ramadas frescas, floridas e luxurias da fonte

dos loureiros. Uma languidez voluptuosa se apodera dos sentidos de Roman ao acercar-se daquella fonte. Parece-lhe que é aquella a manção promettida do Propheta. A poesia da nova religião apodera-se-lhe do espirito, e exalta-lhe as paixões. Já não é o donzel, christão, severo, espirital; é o amante de Jarilla, é o habitante da selva, que busca a sua amada para a levar á gruta. É o moço que quebrou os laços que o prendião ao mundo, e os que o união a Deus, para se poder entregar á sua paixão delirante. Todos os escrúpulos acabárão-se-lhe. Todos os remorsos desapparecerão-lhe. A presença daquelles objectos amados por Jarilla, o influxo daquella vegetação rica, louça, vigorosa; o silencio, a innocencia, o encanto, a frescura daquelles sítios, operárão em Roman uma revolução completa, e brada com intonação palpitante de enthusiasmo:

— Jarilla, minha amante, aonde estás?

Um echo suave respondeu á sua voz. Roman approxima-se da fonte, e recebe em seus braços a formosa Jarilla.

— Sim, disse Roman, apertando nos braços a joven; sim, sou eu... cessão os desgostos, as lagrimas, a ausencia, e cessarão para sempre. Já sou livre; já saudi o jugo que me prendia; renunciei ao mundo; abandonei tudo por ti; nunca mais nos havemos de separar...

Jarilla, porém, não podia corresponder aos ternos protestos do seu amante.

— Que tens, meu amor? exclamou Roman, sobresaltado. Como estás desmaiada!... que dança, meu Deus!

Com effeito Jarilla assemelhava-se a uma sombra; tinha o seu rosto a transparencia da neve; parecia estar exhausta de forças, á difficuldade de todos os movimentos. Respirava com violencia, Quiz fallar; e os labios ficárão-lhe semi-abertos.

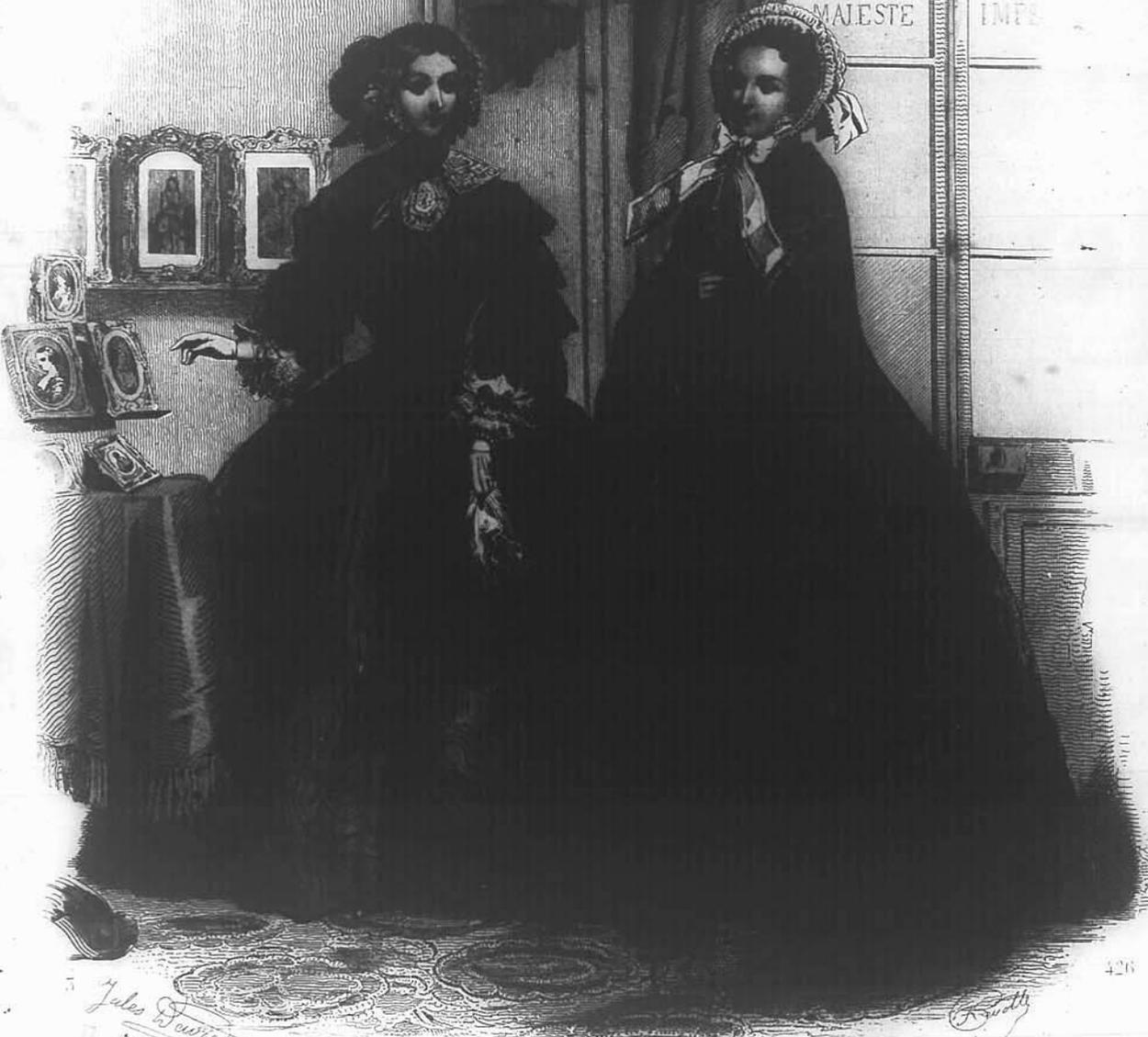
— O' minha amante, a saude e a alegria hão de reanimar os teus tristes olhos, proseguiu Roman fazendo-a sentar sobre uma camilha de flores! Senta-te, estás muito cançadinha; conta-me donde vieste, e o que fizeste desde que te deixei; como podeste vir aqui sózinha. Has de ter magoado os pésinhos! Filha do meu coração, has de ter soffrido muito!

Jarilla estava absorta, contéplando Roman. Havia muito tempo que se apoderára da virgem uma extraordinaria illusão, e era que em toda a parte via Roman. Costumada a squabar com elle, a vê-lo e ouvi-lo na phantasia, acreditou ao principio que estava sonhando, e não deu mostras de surpresa, nem de jubilo; porém, quando se convenceu de que era a realidade, atirou-se aos braços do amante, e com os olhos afogados em pranto, fallou-lhe nestes termos.

(Continúa.)

PHOTOGRAPHIE
DE
MAJESTE

BRE
INTÉ



426

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue de Richelieu n. 9.



Modes d'Alexandre, Costumes de R. Chypiteau, Anc^{te} Maison Popelin Ducarre
Cochonnet du Besan, Corsets de M^{me} Hippolyte pourmessier de s. s. M^{me} Imperatrice
Soyons de Siquand pour s. s. M^{me} Imperatrice et des Cours d'Espagne

LONDON at the Publisher's Office, 25, Abchurch Lane, LONDON. NEW YORK E. B. Straube 37

POESIA.

A UNS ANNOS.

O sol se ergue ! — No Oriente a rubida
Chamma divina pelo espaço alastra ;
O orvalho sécca ; — crystallinas perolas
Em alvas petalas de cecem poisadas
Brilhão instantes e ferventes cahem !

Cantão as aves — os rosacs respirão,
Ondas de aroma pelo ar divagão ;
E o riso e a festa da natura erguida
Percorre a immensa vastidão dos Mundos !

Mas do Universo no formoso horto
Por entre as rosas que primor ostentão
Hoje — d'entre ellas que vaidosas alção
Os rubros collos ofertando encantos
Virgens, ás brisas que do mar se affastão
Rosa mais pura, mais gentil e bella,
Com mais donaires no faceiro porte,
Com mais caudura na mimosa face
Merece os preitos que do Céu lhe descem.

Nevado lyrio de lavadas faces
Não tem no porte mais sereno brilho,
Nem vivo o cyrio que folgura á noite
Por entre nébulas que no espaço soltas
Semelhão flócos de crystal luzentes
Chammas mais doces no fulgor ostenta !

Rosa celeste — maravilha — extremo
De alta heileza — que na terra excede
Astrós e flores — no candor e mimo,
E's tu — donzella — que em teu dia d'annos
No meigo riso que te fuge aos labios
No lance d'olhos que o pudor desmaia
Eden de amores desenhar pareces !

Hoje — risouha — sobre a-calma fronte
Sentindo leda Primavera — linda
Passar — de flores e permune ornada,
Reinas — folguras — inspirando a terra
Que os risos canta do teu dia de annos !

E n'este dia — mimoso
De teus annos no festim,
Só eu triste e suspiroso
Por te vêr fugar assim
Tento erguer tímido canto,
Mas a voz me cerra o pranto
Que tu causas — Seraphim. —

Ora — vendo te cercada
De elogios e de flores,
Vendo a pura madrugada
Do teu dia roseas côres
Vestir leda e vaporosa
Em meu peito — dolorosa
Sensação desperta dôres.

Quero sorrir-me, que n'alma
Tambem limpida alegria
Do teu dia a doce calma
Me derrama, se a folia
Da natura — te seduz,
Se do Céu a viva luz
Em teus olhares radia !

E suspiro ! Teus rigores,
Tua parte em meu tormento
Muda em negros dissabores
O festivo pensamento :
Quero saudar-te, mas sinto
Que sorrindo, quasi minto
Constrangendo o sentimento.

E tenho zellos — e muitos,
D'esses mimos que te dão !
D'esses mancebos tão bellos
Que por ti loucos estão !
Quizera eu só — poderoso —
Ter hoje um throno formoso
P'ra te dar co'o coração !

Quizera á luz de teus olhos
Alçar a fronte — inspirado —
E sulcar rudes escólhos
Para ver-te bemfadada
Pura, linda e meiga rosa
Seres tanto venturosa
Quanto és idolatrada.

E então eu que em vão lamento
Minha amarga e dura sorte,
Eu que abafó o soffrimento
Que — por ti — me leva á morte
Tambem sentira a alegria
Que por todos o teu dia
Festival — espalha — forte !

Só, perdido d'entre tantos
Que saúdo-te á porfia
Busco ainda erguer um canto
Que offerecer-te não devia :
Temo ficar esquecido
Por ter me a tanto atrevido
Quando ser mudo podia.

Eil-o embora—acceita-o a virgem,
Bem eu sei que nada val !
Não é d'esses que se tingem
Com lisonja festival —

São confissões de minh'alma
Que desejão só a palma
Do teu olhar divinal !

Sê feliz ! não mais te digo,
Que do resto sabe Deus !
Possa docil, fado amigo
Lóngos annos bordar teus :
Eis meus votos no teu dia...
E o que mais dizer podia
Anjo — lê nos olhos meus !

A....

OS PUPILLOS DA GUARDA.

(Continuado do n.º 50.)

O Joven Francisco, dotado de uma intelligencia pouco commum, tinha feito rapidos progressos. Ao fim de um anno era cabo d'esquadra, e no principio de 1815 era já o melhor sargento instructor do batalhão. Elle tinha escripto muitas vezes a seu tio, mas suas cartas tinham ficado sem resposta. Durante este tempo tinha tido logar a desastrosa retirada de Moscou. Napoleão tinha voltado á pressa a Pariz para organisar um novo exercito. A França tinha perdido os seus homens, deu seus filhos, e o primeiro batalhão dos *Pupillos da Guarda*, posto em pé de guerra, devia reunir-se ao exercito que se dirigia para as margens do Saale. Vencedores em Lutzen, em Bautzen e em Dresde, estes nobres meninos fizeram o que seus pais tinham feito tantas vezes, esmagarão as phalanges russas e prussianas; mas a hora fatal tinha soado; a Europa inteira se havia cobardemente coaligado contra a França. Que era feito de Pedro Mouscadet no meio destas sanguinolentas calamidades? O seu joven protegido seria orphão pela segunda vez?

Se eu tivesse tido a honra de fazer parte do batalhão de guerra dos *Pupillos*, dizia este ultimo; se eu tivesse estado em Leipsik, eu teria tido noticias de meu tio Pedro. Parece-me, entretanto, que tenho bastante força e coragem para fazer mais do que demonstrar a carga em doze tempos a crianças em um quartel. Eis um novo exercito que se forma segundo se diz: quero, desta vez, fazer parte d'elle, ainda que seja como simples fusileiro.

Um dia, pois, o nosso joven sargento sabe que o Imperador deve caçar no dia seguinte no bosque de Satory. Seu plano está formado. Os *Pupillos* não tem o habito de vagar nas ruas de Versailles; só sahem do quartel para ir em passeio, com o tambor na frente, tanto, ao romper do dia, que aproveitando-se do momento em que não podia ser percebido, Francisco penetra em um pateo do quartel, sobe uma arvore, da arvore lança-se ao muro, e de um salto se acha na pla-

nicie. Immediatamente ganhou o bosque de Satory, e conservando-se á espreita por detraz da estatua do cavalleiro Bernin, situada na extremidade da peça d'agua dos Suissos, por diante da qual a caçada imperial deve necessariamente passar, espera pacientemente preparando em sua memoria o discurso que quer dirigir a Napoleão, e sobre cujo effeito muito espera. Havia muito tempo que elle ahí estava, quando o barulho do galope de muitos cavallos se fez ouvir: é o Imperador! Francisco levanta-se, conserva-se immovel na posição de soldado sem arma. Napoleão, surprehendido de encontrar neste logar um *Pupillo da Guarda*, pára, carrega as sobraucelhas, e pergunta-lhe com ar severo:

— Que fazes aqui, rapaz?

— Senhor, eu vos esperava.

— Ah! replicou o Imperador, que não previa uma tal resposta; mas porque estás fóra do quartel a esta hora, só?

— Para fallar a Vossa Magestade.

— Pergunto-te como sahiste? Acrescentou o Imperador com impaciencia,

— Saltando por cima do muro, senhor.

— Rapaz! disse Napoleão notando o galão de prata collocado em losango sobre a manga do *Pupillo*; da parte de um official inferior um tal acto de insubordinação é imperdoavel. Não sabeis que deveis dar o exemplo de respeito á disciplina?

— Sei, senhor; mas primeiro que tudo era necessario que Vossa Magestade pudesse ouvir-me.

— Então, sêde breve: que quereis.

— Senhor, a honra de fazer parte do batalhão de guerra dos *Pupillos*, de me bater contra os inimigos de Vossa Magestade, e de morrer, se for precizo pela defesa do meu paiz!

A estas palavras, pronunciadas com uma expressão que tinha alguma cousa de heroica, o semblante do Imperador mudou de expressão.

seu olhar tão severo um momento antes, tornou-se sereno e quasi benevoló.

— O Vosso nome, rapaz? Perguntou-lhe elle.

— Francisco Mouscadet, sobrinho de Pedro Mouscadet, graneleiro do 4.º regimento da velha guarda.

— E' verdade! exclamou o Imperador. E inclinava-se para o monteiro-mór, disse sorrindo algumas palavras; depois, tomando seu ar sério, acrescentou friamente:

Francisco, voltai já para o quartel.

— Sim, senhor.

— Fareis collar-vos pelo ajudante na sala de policia.

— Sim, senhor.

— Ide, pensarei em vós.

E Napoleão partiu a galope.

Francisco, transportado de alegria, tornou para o quartel, entregou-se ao ajudante da guarda, que o collocou na sala de policia: mas que lhe importava isso? O Imperador lhe tinha dito *pensarei em vós*, e estas tres palavras o consoláram. Esteve preso oito dias; no nono foi chamado á presença do coronel Bardin, que o abraçou, e lhe entregou, com uma patente de alféres no corpo dos *Pupillos*, uma guia para ir reuquir-se ao batalhão de guerra.

Não se poderia fazer idéa da felicidade que se sente em trazer a primeira dragona. A alegria de Francisco chegava ao delirio. Elle, official da guarda do rei de Roma! Era cem vezes mais do que nunca se atrevêra á esperar. Bastarão quarenta e oito horas ao novo official para fazer seus preparativos de viagem. Seus antigos camaradas o receberam com aclamações e o amáram, porque acháram nelle um official instruído, bom e justo. Escreveu elle a Pedro Mouscadet, e contou-lhe que esperava encontral-o cedo no campo de batalha, e provar-lhe que era digno de ser seu sobrinho. O velho soldado mostrou a carta de Francisco a toda a sua companhia jurando que se faria voluntariamente matar no serviço de um Imperador, que se comportava tão agradavelmente para com seu sobrinho, filho de seu proprio irmão.

A historia desta companhia de 1814, na qual um só exercito disputou passo a passo o territorio contra todas as forças reunidas da Europa, é realmente fabulosa. O 2.º batalhão dos *Pupillos* tinha sido chamado ao exercito, como o primeiro no anno antecedente, e ambos estavam comprehendidos entre os batalhões de guerra da guarda. Um dia, nas planícies de Champagne, Napoleão, querendo enganar o inimigo para melhor segurar um movimento, ordenou a um batalhão da sua velha guarda que marchasse adiante, ao mesmo tempo que faz ir adiante delle, em atiradores, uma companhia de *Pupillos*. Esta companhia era a de Francisco. Foi então um espectáculo maravilhoso vêr esses bravos rapazes fazer fogo com o mais admiravel sangue frio contra os Russos que tinham o dobro de seu tamanho, o triplo de sua idade, e vêr-os approximar-se com tanta alegria como se se tratasse de uma partida de bolas, entretanto que os velhos graneleiros que com as armas nos braços, esperavam com impaciencia a ordem de mover-se, os animavam com

a voz, velando com olhar paternal que não pudessem elles ser surpreheudidos pela cavallaria inimiga.

A luta foi longa e mortifera; mas os filhos da guarda portarão-se de tal modo que obteve-se o resultado da manobra. Collocado atraz de um pequeno monte Napoleão tinha visto tudo. Quando elle chegava á frente do batalhão dos seus graneleiros, trazia-se, deitado sobre armas encruzadas, um joven official dos *Pupillos*, que grayemente ferido por uma bala de fusilaria em uma coxa desde o principio da luta, não tinha consentido em ser retirado do campo de batalha senão depois da retirada dos Russos, e que, apesar de sua dolorosa situação, não tinha cessado de gritar: Viva o Imperador! viva a França! Napoleão approximava-se para lhe fallar, quando de repente um graneleiro sahe das fileiras, lança-se pressuroso sobre o ferido, e o aperta em seus braços com viva emoção. Era Pedro Mouscadet: tinha reconhecido seu sobrinho; mas no mesmo instante vê perto de si Napoleão que o fulminia com o seu olhar.

— Perdão, desculpa, meu Imperador, disse o velho soldado com voz tremula pelo medo e pela ternura, deixei a minha fileira sem permissão, devo ser punido; mas é meu sobrinho, é o pequeno Francisco, meu filho adoptivo: não pude conter-me, meu Imperador.

— Silencio! disse Napoleão com tom severo; depois, segurando a mão do ferido:

— Capitão Francisco, lhe disse elle, accentuando a voz sobre a qualidade que lhe dava, desde a nossa entrevista no bosque de Versailles, esta cruz vos espera: recebei-a de minha mão.

Grossas lagrimas correrão então dos olhos de Pedro Mouscadet, que soluçou.

— Meu Imperador, eu recebi a mesma honra de vós em Bolonha; mas eu já era um homem, entretanto que o pequeno Francisco é ainda um menino. Não importa! Deixei a minha fileira sem permissão, devo ser....

— Adeus, capitão Francisco? Tornou Napoleão sem dar attenção ás palavras do graneleiro; brevemente nos tornaremos a vêr eu o espero.

— Perdão, desculpa, meu Imperador, deixei minha fileira, e devo....

Napoleão, que só queria ter que recompensar, interrompeu promptamente o velho soldado dizendo-lhe com impaciencia:

— Enganas-te, fui eu que te fiz signal de te approximares para abraçar teu sobrinho. Cala-te pois, e torna para o teu posto.

Ha alguns dias, atravessando a praça Dauphine em Versailles, notei, parado e como que em contemplação diante da estatua colossal do general Hoche, um homem tendo uma perna de pau, e que julguei reconhecer. Posto que vestido á paisana, cobria-se com um bonet de policia verde escuro ornado com uma borla amarella, e guarnecida de um debrudo da mesma côr. Approximei-me delle: — Bom dia, capitão, disse-lhe eu offerecendo-lhe cordialmente a mão. Não me reconheceis?

O capitão Francisco (era elle) olhou primei-

ramente com hesitação ; depois lançando-me os braços ao pescoço. abraçou-me.

— Reconheço-vos agora, exclamou elle !

— Sim, respondi-lhe eu sorrindo, sou eu com 36 annos de mais sobre a cabeça.

— Oh ! tornou o capitão levantando tristemente os olhos ao céu, não fallemos desse tempo ! — Ao contrario, fallemos sempre delle.

O bravo capitão disse-me então que enconsequencia da ferida que recebera em Champagne, tinha sido amputado : que depois dos acontecimentos de 1815, se havia retirado para Versailles com seu tio Pedro, que morrera pouco tempo depois, que enfim se havia casado e tinha tido um filho.

Aqui o capitão abaixou tristemente a cabeça passando a mão pelos olhos.

— E este filho ? perguntei-lhe.

— Morreu na Africa. Os Arabes o assassinão.

A fim de voltar a conversação de um assumpto tão triste, apressei-me a dizer :

— Parece-me ver ainda os *Pupillos da Guarda* em passei no parque, no inverno, com seus uniformes verdes !

— A' fé, interrompêu elle, eu ainda tinha o meu completo, não ha muito tempo : mas como não sou rico quiz utilisal-o. E vêde....

Dizendo estas palavras, o capitão Francisco descobriu-se, e mostrava-me alegremente o seu bonet de policia.

— Eis-aqui, replicou elle sorrindo, todo o partido que d'elle pude tirar.

EMILIO MARCO DE SAINT-HILAIRE.

VARIÉDADES.

Usos e costumes.

OS BOTEQUINS-CONCERTOS ENTRE OS ARABES.

Existe em Pariz, e nas grandes cidades de França e de alguns outros paizes, Botequins-concertos, onde depois das principaes execuções, as cantoras tem o costume de tirarem uma especie de subscrição. Pela pressa que se dão os freguezes em lançar uma moeda na salva que lhes é apresentada, pelo valor mesmo dessa moeda, é facil conhecer a impressão que a pedinte poude produzir em cada um dos assistentes.

Entre os Arabes encontra-se quasi o mesmo costume, isto é, que em uma *soirée* musical e choreographica, é tambem dando dinheiro, que os espectadores testemunhão a sua satisfação. Uma unica differença, na verdade mui sensivel, faz-se notar na maneira de entregar a offrenda.

Os homens estão assentados sobre tapetes, em torno das dançarinas-cantoras (as mesmas mulheres preenchem ambas as funcções ao mesmo tempo), e assim acorcorados passão a maior parte da noite a admirar a dança. Para exprimir o seu contentamento, começam por acompanhar o canto, ao depois levantão-se abrem as suas bolsas, tirão dellas moedas, e depois de as terem humedecido com os labios, vão collocal-as na cara da dançarina. Quando esta tem já as facos e a testa coberta dellas, sacode-as em uma escudella que tem aos pés, e alguns minutos

depois recomeça a cerimonia com outros assistentes. Trava-se uma lueta de amor-proprio entre os homens, e as honras da noite pertencem ao que mais deu.

CHARADA.

Tal me chamou o meu bem
Por não querer escutar
As juras que fementido
Quiz fazer-me acreditar. 1

Mentiroso!! sempre é homem!
Meu bem vem? ousa dizer?
Ven a onde? Acabe a frase
Quero ouvil-a para crer. 1

Do coração só um terço
Me concede o fementido
Amim? que tinha por elle
Amor como nunca hei tido. 1

Qual homem eu sou
Travesso daniho
Fingido e astuto
Sempre com carinho.

Paulina de L.

A charada do n.º 31 é: *Sipó*

Acompanha este n.º 32 uma estampa com figurinos de passeio.